

Resgate das Memórias sobre Plantas/Hortaliças Medicinais: Experiências Vividas na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad

*Retrieving memories about medicinal
plants/greentables: experiences lived in the
Amarbem/Cimmad community garden*

*Rescate de las memorias sobre
plantas/hortalizas medicinales: experiencias
vividas en la huerta comunitaria
Amarbem/Cimmad*

Luiz Carlos Flávio

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

lucaflavio@gmail.com

Pamela Cichoski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

pamelatraducao@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a experiência do “Projeto das Plantas Medicinais” que vem trabalhando no resgate das memórias do cultivo e uso de plantas/hortaliças medicinais na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad, no bairro Padre Ulrico, na cidade de Francisco Beltrão-PR. Nesse sentido, a relação universidade e território, ganha centralidade no debate voltado à produção de conhecimentos com enraizamento territorial,

objetivando imprimir ações no lugar, a partir dos sujeitos envolvidos no projeto. Desse modo, a configuração de movimentos em favor da valorização dos saberes e fazeres das guardiãs e guardiões das plantas medicinais é um dos aspectos que orientam nossas práticas e reflexões acerca do território e da produção de conhecimentos no contexto da horta comunitária Amarbem/Cimmad.

Palavras-chave: Horta comunitária. Plantas medicinais. Extensão. Território.

Abstract: This article aims to reflect on the experience of the “Medicinal Plants Project” which has been working to rescue memories of the cultivation and use of medicinal plants/vegetables in the Amarbem/Cimmad Community Garden, in the Padre Ulrico neighborhood, in the city of Francisco Beltrão. –PR. In this sense, the relationship between university and territory gains centrality in the debate focused on the production of knowledge with territorial roots, aiming to print actions in place, based on the subjects involved in the project. In this way, the configuration of movements in favor of valuing the knowledge and practices of the guardians of medicinal plants is one of the aspects that guide our practices and reflections about the territory and the production of knowledge in the context of the Amarbem/Cimmad community garden.

Keywords: Community garden. Medicinal plants. Extension. Territory.

Resumén: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la experiencia del “Proyecto Plantas Medicinales” que viene trabajando en el rescate de memorias sobre el cultivo y uso de plantas/hortalizas medicinales en la Huerta Comunitaria Amarbem/Cimmad, en el barrio Padre Ulrico, en la ciudad de Francisco Beltrão. En este sentido, la relación entre universidad y territorio gana centralidad en el debate centrado en la producción de conocimiento con raíces territoriales, con el objetivo de imprimir acciones in situ, a partir de los sujetos involucrados en el proyecto. De esta manera, la configuración de movimientos a favor de la valorización de los conocimientos y prácticas de los guardianes de

las plantas medicinales es uno de los aspectos que guían nuestras prácticas y reflexiones sobre el territorio y la producción de conocimientos en el contexto de la huerta comunitaria Amarbem/Cimmad.

Palabras clave: huerta comunitaria. Plantas medicinales. Extensión. Territorio.

Introdução

Para Darcy Ribeiro (1995), dentre as principais marcas históricas da formação do “Povo brasileiro” e seu território estão heranças da dizimação indígena (e de sua cultura); da escravização e marginalização da gente negra/mestiça/pobre (e de sua cultura); da concentração fundiária da terra em poucas mãos nos campos, expulsando enormes fileiras de camponeses para as cidades. Tal dinâmica patrocinou um movimento de mercantilização da vida vinculado à expropriação e a violência, enquanto processo de fomento da sociedade de consumo dentro da lógica capitalista.

A terra no Brasil, desde o tempo colonial, tem servido à agricultura heteronômica, à produção de “commodities” destinadas ao mercado externo. Este paradigma de “civilização” fundou a exclusão social que se imprimiu fortemente nos traços da urbanização brasileira. As cidades brasileiras, entregues a investimentos corporativos, apresentam abundantes cenários sociais com problemas de: o desemprego, a falta de moradias e de transporte público/coletivo, as carências de lazer, de água, esgoto, educação e de infraestruturas urbanas (SANTOS, 2009), além de questões ambientais/ecológicas.

Dentre as maiores carências vividas pelas populações urbanas há sérias questões ligadas à saúde, à insegurança alimentar e à fome, que afetam, sobretudo, os extratos de populações mais empobrecidos que habitam as cidades. Nesse contexto, sobretudo a partir da abertura democrática, nos anos 1980, brotaram importantes lutas/movimentos sociais, inclusive aqueles envolvendo as universidades brasileiras, via projetos de extensão universitária, que buscam imprimir ações para amenizar os problemas urbanos, dentre os quais, os vinculados à saúde e à insegurança alimentar que afetam as populações nas cidades.

Tal preâmbulo histórico se faz pertinente para apresentarmos algumas ações ligadas a um projeto do qual fazemos parte: o “Projeto das Plantas Medicinais”, efetivado em 2013/2014 no Parque Ambiental Irmão Cirilo, pertencente à prefeitura de Francisco Beltrão-PR. E a partir de 2017, o projeto passou a ser realizado na Horta Comunitária da ONG denominada Associação Marrecas do Bem-Estar ao Menor (AMARBEM),

instituição sustentada pela Mitra Diocesana da Igreja Católica, localizada também em Francisco Beltrão. Desde 2021 a denominação da instituição passou a ser Centro de Integração Madre Maria Domênica (CIMMAD), cuja história e significados identificaremos adiante.

Assim, o presente artigo busca descrever, brevemente, algumas experiências vividas no projeto, que vem trabalhando no resgate das memórias do cultivo e uso de plantas/hortaliças medicinais na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad, em Francisco Beltrão-PR. Trata-se de um projeto de extensão universitária da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)¹, com a colaboração de uma integrante do Doutorado em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco. Ambos os/as autores/as participamos do projeto.

Em termos metodológicos, destacamos que nossas práticas são orientadas pela metodologia de Investigação-Ação-Participativa (IAP) com ênfase na escola latino-americana, a partir de Orlando Fals Borda (Cichoski, 2021). Pautados nos princípios da IAP, buscamos pesquisar e agir aprendendo, ensinando e participando ativamente no território da Horta Comunitária, orientados pelo compromisso político e social com os grupos envolvidos, construindo relações sujeito-sujeito, numa comunicação contínua, adequada e simples, com a comunidade. Bem como, fazemos uso de técnicas de ensino-aprendizagem contextualizadas, valorizando interações com os sujeitos que integram o projeto, a partir do diálogo de saberes, respeitando os níveis de formação e letramento das pessoas envolvidas no processo de ação-reflexão (Cichoski, 2021).

Nesse sentido, o texto foi organizado em três momentos de reflexão, para melhor compreensão dos leitores, sendo: no primeiro, discutimos a importância da universidade no movimento de diálogos com o povo, através da extensão. Na sequência, apresentamos o histórico da Horta Comunitária Amarbem/Cimmad. A experiência busca garantir saúde e segurança alimentar

¹ O projeto também envolveu em tempos diferentes, ou ainda envolve, outros sujeitos da Unioeste, tais como a docente Roseli Alves dos Santos; e bolsistas PIBEX/Fundação Araucária/Unioeste, tais como: Aline Motter Schmitz, Nathalia Marcon Toller, Tamires Guimarães da Silva, Luiz Carlos da Silva, Edinéia Dotti Mooz, Ana Carolina de Bonfim, Alice Machado, Carolina Bossei e Luca Carrijo Candiottto, dentre outros/as acadêmicos/as e voluntários/as que participaram de várias fases do projeto. Porém, observamos que o texto presente é da lavra destes autores que aqui descrevem as experiências de que participaram/participam.

para as famílias das 12 pessoas envolvidas no projeto e, também, contribui para alimentação do público atendido pelo Centro de Integração Madre Maria Domênica (CIMMAD).

E por fim, no terceiro momento, buscamos descrever algumas práticas do projeto: ofertas de cursos/oficinas e apresentações da horta comunitária para moradores do próprio bairro Padre Ulrico; para o público do Cimmad e de Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs); e para estudantes (de universidades/escolas) e entidades de Francisco Beltrão e região.

As universidades e o diálogo com as demandas das comunidades e movimentos sociais

No contexto de redemocratização da sociedade brasileira, expressando a necessidade de avançar na democratização da educação universitária no país, pensadores como Darcy Ribeiro (1986) e Moacir Gadotti (2017) debateram o importante papel das universidades, em trabalhar produzindo conhecimentos que, em diálogo com a sociedade brasileira, trabalhassem na direção de transformações nas realidades vividas pelas populações mais vulneráveis, nas dimensões econômicas, políticas, culturais.

Conforme Silva e Mendoza (2020), tal como consagra a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 207, é papel das universidades (sobretudo as públicas) envolverem-se com as necessidades e anseios das populações, promovendo uma sociedade do conhecimento, que ajude a pensar a realidade. Nesse sentido, o ensino, a pesquisa e a extensão devem formar um tripé, em que os conhecimentos produzidos contribuam com a sociedade, abraçando um papel solidário, social e cultural.

Conforme Cichoski e Rubin-Oliveira (2022, p. 34), a universidade pode ser um lugar que possibilita a “configuração de novos arranjos e desenhos sociais, por meio do reconhecimento e da reivindicação dos marcos históricos”, orientando-se para a autonomia, a criatividade, a democracia e o compromisso com as sociedades locais. Esse movimento exige, no entanto, práxis territoriais voltadas para a produção de conhecimentos com enraizamento e diálogo com o local.

Nesse contexto, conforme Vásquez (2011) a relação conhecimento e práxis, pode ocorrer quando criamos uma consciência que busca agir no mundo. Nessa linha, as universidades podem exercer um papel fundamental de mediar a produção de conhecimentos, comprometidos com a transformação social por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Para Martins (2012) as universidades, desse modo, podem produzir pensamento crítico, formando “sujeitos práticos” com consciência social criativa. De modo que, a educação possa ser capaz de “levar à criação de uma nova vida e de uma nova sociedade” (Faundez, 1993, p. 48-9), um pouco mais humana, justa e solidária.

Os conhecimentos produzidos nas universidades (junto das comunidades) podem contribuir para fortalecer a cidadania, autonomia e a auto-organização, possibilitando experiências de intervenções na realidade. Assim, a universidade pode promover movimentos de disseminação e valorização de “saberes críticos, propositivos e prospectivos” (Rubin-Oliveira e Dal Pai Franco, 2015, p. 22) que estejam conectados com as realidades locais e regionais, em favor da transformação social.

Para isso, o ensino, a pesquisa e a extensão construídos na universidade precisam estar voltados para uma práxis que incorpore e valorize os saberes e fazeres populares, para atuar na sociedade. Tais saberes e fazeres, trabalhados e em conjunto com os conhecimentos científicos acadêmicos, podem ser forças ativas na organização e mobilização dos sujeitos, que buscam transformar as realidades, a fim de criar melhores condições de vida.

Nesse sentido, a produção de saberes e fazeres comunitários, exige diálogos e movimentos de trocas culturais, cosmológicas guiando as práticas entre os sujeitos e destes com a natureza em diferentes escalas (Leff, 2021), potencializando aprendizagem coletivas voltadas para a transformação social. Outrossim, a perspectiva que orienta nosso trabalho, na pesquisa reflexiva e na ação extensionista, na horta comunitária, nos auxilia no movimento de valorização do território e a tessitura das relações sujeito-lugar.

Assim, em nossas ações buscamos tecer relações horizontais, envolvendo universidade e território, num processo de práticas enraizadas no lugar, considerando os sentimentos da comunidade, seus saberes e fazeres, instigando a participação ativa dos sujeitos, valorizando o crescimento solidário

que produz e transforma o território. A partir dessa leitura apresentaremos, na sequência, um breve histórico da Horta Comunitária da Amarbem/Cimmad.

A horta comunitária amarbem/cimmad: uma breve contextualização²

A inserção de nosso trabalho junto à Horta Comunitária Amarbem/Cimmad tem uma história ligada ao projeto de extensão universitária da Unioeste, denominado “Coletivo de Mulheres do Campo e da cidade”³. O projeto realiza, desde 2013, experiências que objetivam efetivar ações de desenvolvimento territorial, num trabalho com grupos de mulheres rurais e urbanas e suas famílias, na região Sudoeste do Paraná.

No âmbito do mencionado projeto (maior), iniciamos os trabalhos do Projeto das Plantas Medicinais, que hoje é denominado “Projeto da Horta Comunitária Amarbem/Cimmad”. A denominação se deu em respeito ao local onde é efetivado hoje, no Centro de Integração Madre Maria Domenica (Cimmad), mas que anteriormente - até inícios de 2021 - se denominava Associação Marrecas do Bem-Estar ao Menor (AMARBEM). A instituição se localiza no bairro Padre Ulrico, na cidade de Francisco Beltrão-PR, *locus* habitado por populações economicamente vulneráveis.

Antes de ser realizada no espaço pertencente Amarbem/Cimmad, entre 2014-2015 até 2017 a horta comunitária foi instalada no “Parque Ambiental Irmão Cirilo”, pertencente à prefeitura de Francisco Beltrão-PR. Além da participação da Unioeste, o projeto se constituiu em parceria com alguns apoiadores: Associação de Moradores, Grupo de Jovens, Clube de Mães, Idosos, representantes de pastorais da Igreja Católica, Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR) e prefeitura de Francisco Beltrão.

² As informações presentes neste item foram extraídas, com alterações, de nosso projeto “Continuidade das ações de extensão para o desenvolvimento da comunidade via Horta Comunitária Urbana em Francisco Beltrão (2023-2024).” O projeto de extensão universitária concorreu a um bolsista no Edital 028/20023, PROEX-PIBEX-UNIOESTE-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA.

³ Referido projeto foi iniciado e coordenado na maior parte do tempo pela professora Roseli Alves dos Santos. A docente teve/tem um envolvimento e uma ação fundamentais na estruturação e manutenção do “Projeto das Plantas/hortaliças Medicinais”, hoje realizado na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad, o qual será aqui apresentado.

Nessa organização coletiva, criamos o projeto da Horta das Plantas Medicinais. Neste momento não contávamos ainda com a parceria da Amarbem, atual Cimmad. Trabalhávamos, então, o cultivo de plantas medicinais e aromáticas (voltadas ao uso da comunidade local) ainda no “Parque Ambiental Irmão Cirilo”.

No ano 2015 foram encaminhados em editais públicos (e aprovados) projetos que buscavam financiamento de atividades ligadas ao cultivo e uso de plantas medicinais. Os projetos envolviam ações tais como: realização de cursos (de técnicas de cultivo, manejos, usos) de plantas medicinais; visitas técnicas e de estudo a várias experiências em fitoterapia e ervas medicinais existentes no Paraná. Dentre as visitas propostas e realizadas no projeto estavam as seguintes: ao Refúgio Biológico Bela Vista, na Itaipu; às Cataratas (Foz do Iguaçu-PR); ao Centro Popular de Saúde e Laboratório do Yanten (Medianeira-PR); ao Horto Medicinal da Universidade Paranaense (Umuarama-PR); e às experiências com hortas comunitárias em Maringá-PR.

Na visita ao Refúgio Biológico Bela Vista, na Itaipu Binacional, ganhamos cerca de 60 espécies de plantas medicinais. A estas se somaram outras plantas doadas à horta, por pessoas da comunidade. As mudas recebidas foram plantadas na então Horta Comunitária Medicinal no “Parque Ambiental Irmão Cirilo”. Dentre as espécies cultivadas estavam: alecrim, alecrim pimenta, alfavaca (pimenta/cravo), alfazema, amora (branca/ preta), arnica, arruda, cana do brejo, canela de perdiz, carqueja (doce/amarga), cavalinha, chambá, cidreirinha, cidró, cipó insulina, cipó mil homens, citronela, estêvia, figatil, folha de fortuna, ginseng (roxo/branco), guaco, guiné, hortelã pimenta, infalivina, lavanda, malvarisco, maracujá, melhoral, melissa, mil em rama, moringa, ora-pro-nobis, orégano (graúdo/miúdo), panaceia, pariparoba, penicilina, poejo, sabugueiro, salsaparrilha, sálvia, salva cidreira, sete sangrias, vassourinha doce, entre outras.

E nos dedicamos, também, à pesquisa sobre os usos populares e científicos das plantas medicinais. Desse trabalho, resultaram: uma cartilha denominada “Resgatando saberes: cultivo e uso de plantas medicinais: uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão/PR (Flávio et al., 2016); e o livro “Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural” (Flávio e Santos, 2018).

Na cartilha “Resgatando saberes: cultivo e uso de plantas medicinais: uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão/PR (Flávio et al, 2016), apresentamos os objetivos e ações do projeto à população. No qual, evidenciamos os cursos realizados junto à comunidade, nos quais foram abordados temas sobre: i- cultivo, preparo e uso de plantas medicinais; produção de receitas culinárias; elaboração de pomadas, xaropes, extratos, tinturas, chás, infusões, inalações; ii- cursos sobre manejo dos solos e adubação; consorciação de espécies; aplicações de plantas contra pragas e doenças; formas de utilização de defensivos e repelentes naturais; iii- informações sobre coleta, secagem e armazenamento de plantas, abordando inclusive aspectos da legislação brasileira sobre a fitoterapia no Brasil, dentre outros pontos; e, também: iv- realizamos atividades junto à Escola Estadual Leo Flach, localizada no bairro Padre Ulrico, ensinando às crianças sobre o cultivo e uso de plantas medicinais.

Já no livro que publicamos, intitulado “Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural” (Flávio e Santos, 2018), além de apresentarmos e atualizarmos as ações realizadas pelo projeto, divulgamos vários artigos de autores/professores parceiros, que trabalharam a importância da universidade (ensino, pesquisa e extensão universitária) atuando lado a lado, com os saberes populares e no resgate dos patrimônios culturais, ligados às plantas medicinais. Os artigos enfatizam, que os projetos de extensão universitária podem ativar ações solidárias, em favor da saúde das comunidades e da sociedade.

Outras contribuições presentes no livro, abordaram o resgate das ações do nosso Projeto das Plantas Medicinais, desde 2013; e debateram aspectos da legislação envolvendo fitoterapia e práticas integrativas de saúde pública: legislação nacional (Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde, de 2006; e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos - 2008); e as normatizações existentes no Município de Francisco Beltrão (Programa Qualidade de Vida com Medicinas Tradicionais e Práticas Integrativas em Saúde, lei nº 4.391 de 2016). Assim, evidenciamos a importância da formulação e ativação de políticas públicas para a introdução da fitoterapia nos postos de saúde, para serem ofertadas ao público em geral.

Desde 2017 até início de 2021 a experiência do projeto das plantas medicinais foi ampliada com a parceria firmada junto à ONG denominada Associação Marrecas do Bem-Estar ao Menor (AMARBEM), pertencente à Igreja

Católica. Esta trabalhava no atendimento às crianças e adolescentes oriundos de famílias reconhecidas em situação de vulnerabilidade econômica (populações de baixa renda) do bairro Padre Ulrico.

Neste momento, sustentados no trabalho de um grupo de mulheres (e, por vezes, também de homens da comunidade), além de cultivarmos plantas medicinais, passamos a plantar também hortaliças (alface, couve, repolho, cebolinha, espinafre, salsa etc.) para servirem ao uso das pessoas que cuidavam da horta (e de suas famílias), bem como para o uso do público atendido pela Amarbem.

A partir de 2021, devido a uma mudança nas regras administrativas, ligadas à Cáritas Diocesana de Palmas (mantenedora da instituição), a *Amarbem* passou a se denominar *Centro de Integração Madre Maria Domênica (Cimmad)*. Se antes a Amarbem era gerida por leigos da Igreja Católica, a partir da transformação em Cimmad, passou a ser coordenada pela Congregação das Pequenas Irmãs da Sagrada Família, as quais acolhem em regime de contraturno escolar, aproximadamente 160 crianças residentes no bairro Padre Ulrico.

A passagem da Amarbem ao Cimmad não interferiu na continuidade do projeto e das ações realizadas na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad que conta, atualmente, com 12 integrantes (10 mulheres e 2 homens) da comunidade local. Com o apoio do projeto de extensão (Unioeste), de forma individual ou coletiva, o grupo trabalha no plantio, rega, cuidados contra pragas, tanto nos canteiros de hortaliças quanto na manutenção dos espaços extensivos da horta ou nas mandalas, as quais foram construídas para abrigar o cultivo de diversas ervas/plantas medicinais. Os/as integrantes do projeto se reúnem periodicamente em mutirões, para a limpeza e demais cuidados com a horta.

No projeto há, também, a participação de estudantes da Unioeste, que ajudam nos mutirões e contribuem para os trabalhos junto à comunidade. No trabalho extensionista, buscamos auxiliar na interlocução do grupo da horta com parceiros, que foram sendo articulados para a realização das ações. Dentre as entidades parceiras estão: i- a Prefeitura Municipal (de Francisco Beltrão), cujo papel é adquirir e fornecer mudas e sementes à horta; e ii- a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), que dá aporte em termos de assistência técnica e oferece cursos de formação voltados ao cultivo e trato de plantas medicinais e hortaliças.

A Assesoar também organiza dinâmicas e místicas de sociabilidade, espiritualidade, interação e animação do grupo de mulheres da horta. Há outras colaborações da Assesoar com o coletivo da horta na mediação dos/das integrantes do projeto na participação de eventos importantes dentre os quais: as “Festas regionais das sementes crioulas”; eventos de entidades da agricultura familiar; e na realização de feiras para comercialização de mudas; no contato com associações de bairro, envolvendo o cultivo de plantas/hortaliças medicinais, etc.

No dia 20 de setembro de 2023, por exemplo, a Assesoar convidou o grupo da Horta Comunitária para ir ao evento “Encontro de Saberes tradicionais: práticas populares de cura com participação em palestra e oficinas”, realizado na UTFPR, campus de Dois Vizinhos-PR. Na viagem, 18 pessoas integraram o grupo. Todas/os puderam participar da palestra “Movimento de Benzedadeiras da região centro Sul do estado do Paraná- MASA” e das oficinas: “Uso das ervas medicinais para práticas de autocuidado”; e “PANC - saberes e sabores”.

Recentemente, atuando junto à Assessoria a Serviço de Projetos de Tecnologias Alternativas (AS PTA), a Assesoar também mediou a aquisição de uma estufa (carinhosamente chamada de “berçário”) destinada à produção de mudas. Servidores da entidade conduziram, junto com a comunidade, a construção do “berçário”, o qual já serve atualmente como local para a produção de mudas.

Além de ajudar na produção de alimentos (plantas/hortaliças medicinais) para as famílias envolvidas no projeto e para o CIMMAD (e mesmo de pessoas da comunidade que vêm pedir plantas para chás), os trabalhos na horta trazem outros benefícios à saúde das pessoas integradas ao projeto. Muitas mulheres que ali trabalham, narram a atividade como um “bálsamo contra o estresse”. Além de proporcionar contato com a terra, as tarefas demandam exercícios físicos que contribuem para a saúde mental e garantir o controle da glicose (no caso de diabéticos), atuando contra a obesidade.

Outra observação importante é que os trabalhos e cursos de formação voltados à horta comunitária se orientam pela concepção e prática do não uso de *agrotóxicos* nos cultivos, utilizamos adubos e repelentes naturais. Nesse sentido, consideramos que essa escolha é importante para o cuidado da saúde e bem-estar da população envolvida no projeto. Portanto, abraçamos uma práxis

baseada no desenvolvimento territorial, cujas orientações teóricas têm rica sustentação nas ciências sociais, da saúde e da terra, tais como: Geografia, Sociologia, Economia, Agronomia, Nutrição, Medicina etc.

Em termos de forma organizativa dos trabalhos (construção de ações, diretrizes e orientações de avaliação das atividades), o projeto articula reuniões envolvendo os diferentes sujeitos: da universidade (professores/bolsistas), as mulheres e/ou homens e os/as representantes das entidades parceiras: Cimmad, Assesoar, Prefeitura de Francisco Beltrão. As reuniões são realizadas de acordo com as demandas dos/as integrantes da horta.

Além dos trabalhos realizados na horta comunitária, o projeto oferta - com o apoio de bolsistas - a oficina de Meio Ambiente, jardinagem e plantas medicinais, a qual é partícipe do currículo da instituição. As oficinas produzidas objetivam trabalhar aprendizados de educação, saúde e meio ambiente saudáveis envolvendo o cultivo de hortaliças e plantas medicinais e noções de jardinagem e agricultura orgânica. Na sequência apresentamos um pouco dessa experiência das oficinas e a participação das mulheres guardiãs das plantas medicinais que integram o projeto.

Outras experiências e ações vividas na horta comunitária Amarbem/Cimmad

Entre as ações realizadas pelo projeto em parceria com as guardiãs das plantas medicinais e os bolsistas (de iniciação científica, da Unioeste; e do Napi-Alimento e Território⁴), consta a oferta de oficinas voltadas à troca de saberes-fazeres socioambientais e à valorização das plantas medicinais. As oficinas foram realizadas na horta comunitária e em espaços do Cimmad, vislumbrando a produção de conhecimentos, com base nos saberes comunitários. As ações realizadas estão ligadas a oficina permanente denominada “Meio Ambiente,

⁴ O NAPI Alimento Território (Programa Novos Arranjos de Pesquisa e Inovação) é financiado pela Fundação Araucária e pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) (NAPI). Atua no litoral e no Sudoeste do Paraná em parceria com universidades da região, difundindo ações da ciência voltadas ao desenvolvimento social das comunidades (SOARES, 2024).

jardinagem e Plantas medicinais”, atividade aprovada e acompanhada pela equipe pedagógica e pelas educadoras da instituição (Cimmad).

Nesse sentido, cabe destacar que as atividades foram realizadas no primeiro semestre de 2023. Tendo por objetivo valorizar os saberes-fazeres das guardiãs das plantas medicinais, que integram a horta comunitária Amarbem/Cimmad. As oficinas oferecidas ao público do Cimmad foram trabalhadas em conjunto com as mulheres guardiãs, que atuam na horta. Somaram-se cinco encontros de 60 minutos cada, sendo realizados em diferentes espaços da instituição: na horta comunitária, na sala de oficinas e nos espaços escolhidos para realizarmos determinados plantios.

No primeiro encontro (do conjunto de oficinas) ocorreu uma visita guiada na horta comunitária. Nele, as guardiãs apresentaram às crianças plantas medicinais, considerando as variedades, tipos de cultivos e disposição no espaço da horta. As crianças envolvidas fizeram perguntas, colheram algumas plantas, sentiram seus cheiros, entraram em contato com o ecossistema da horta.

No segundo encontro, realizamos uma roda de conversa, no qual retomando o passeio anterior, propomos um momento de escuta sobre o que os sujeitos já sabiam sobre o tema. A pergunta orientadora foi: *o que são plantas medicinais?* Então, desenhamos um quadro de relatos, sobre os tipos de plantas que são comuns nos quintais familiares, dos participantes da oficina; e indagamos, o que consomem cotidianamente e quais gostos e preferências têm em relação às plantas. Nas respostas dadas pelas crianças compareceram as plantas: alecrim, hortelã, hortelã-pimenta, poejo, manjerona, salsinha, cebolinha, espinheira-santa, penicilina, pronto-alívio, laranja, limão e cidró.

No terceiro dia de trabalho, considerando as informações do encontro anterior, as guardiãs selecionaram as plantas que seriam reproduzidas pelo grupo: hortelã, hortelã-pimenta, alecrim, poejo, manjerona e couve-amarela. Bem como, organizaram o espaço da horta para demonstrar ludicamente, as formas de plantio das plantas escolhidas, fazendo uma reflexão sobre as diferenças entre elas, no que tange aos tipos de cultivo e preparo da terra.

O quarto encontro (figura 1) aconteceu na sala de oficina. Nele registramos os resultados das atividades anteriores e se organizamos um espaço de escuta sobre as impressões das crianças, sobre suas experiências vividas com plantas

medicinais. A atividade deu origem a um quadro integrativo de desenhos, em que as crianças expressaram suas percepções sobre o tema, aprofundando o diálogo de saberes-fazer sobre as plantas medicinais.

Cabe destacar, nas aprendizagens dessa experiência, a produção e troca dos conhecimentos enraizados, oriundos da comunidade, tendo como ponto de partida os saberes-fazer das guardiãs das plantas medicinais. Fruto desse trabalho, observamos na figura 2 os registros realizados por meio de desenhos, que foram organizados para a montagem do quadro de registro, o qual representam as percepções dos sujeitos da oficina.

Nas representações, podem ser observados múltiplos aspectos que conectam a oficina à horta comunitária. Assim, podemos perceber o exercício das crianças, em representar a horta ressaltando aspectos do cotidiano, interligados aos seus modos de vida e às interrelações socioambientais, por eles percebidas.

Nesse sentido, podemos ver a presença dos elementos naturais, tais como: água, sol, árvores, nuvens, plantas diversas e animais; e de elementos sociais: a figura humana, as casas, os vasos com plantas, a estrutura da água encanada. Todos os elementos (traduzidos na figura 1) se voltam para o registro das territorialidades cotidianas materializadas no lugar.

Cabe destacar que nossa opção pelo quadro de registro (desenhos) e pela oralidade se liga aos princípios orientados pela metodologia IAP. Qual destacamos anteriormente, esta metodologia ensina a importância da comunicação adequada e simples, bem como a configuração de relações sujeito-sujeito, que respeitam os níveis de formação e letramento dos sujeitos envolvidos nos processos de pesquisa-ação (Cichoski, 2021).

No quinto encontro realizamos uma nova visita à horta comunitária, com o objetivo de observar as plantas que foram reproduzidas no terceiro encontro. Buscamos entender a importância do solo, da água, da temperatura e dos cuidados necessários para a reprodução da vida. As mudas de plantas medicinais produzidas foram doadas aos sujeitos, para que pudessem ser utilizadas por eles, junto com suas famílias.



Figura 1: Quadro de registros - Plantas medicinais

Fonte: fotografia dos autores (2024).

Outras oficinas, organizadas em conjunto com as guardiãs das plantas medicinais ocorreram fora do contexto da horta. Uma delas ocorreu em novembro de 2022, junto à Escola Estadual do Campo Marechal Deodoro da Fonseca, localizada no município de Verê-PR, envolvendo professoras/es e estudantes do colégio. E em agosto de 2023 participamos da “II festa das Sementes Crioulas, na Escola Estadual do Campo Barra do Lontra”, situada em Salto do Lontra-PR. Ambas atividades foram efetivadas por intermédio e por convite da Assesoar. Essas experiências possibilitaram espaços para diálogos de saberes-fazeres entre diferentes sujeitos, estando voltadas para as territorialidades e as identidades dos mesmos, na direção da valorização das plantas medicinais.

Outrossim, destacamos outras ações realizadas junto a Horta comunitária Amarbem/Cimmad, sendo a recepção de grupos de Francisco Beltrão e região, composto por pessoas/entidades que vão à horta conhecer as atividades do projeto. Nestes momentos mostramos aos/às visitantes o acervo de plantas/hortaliças medicinais presentes na horta. E trocamos saberes sobre as indicações científicas e populares das plantas em termos das doenças que ajudam a combater.

Assim, as guardiãs/guardiões e integrantes do projeto atenderam as seguintes visitas:

- i) Em novembro de 2022 a horta recebeu um grupo de agricultoras/agricultores ligados aos sindicatos rurais da região Sudoeste do Paraná, por intermédio da Assesoar (figura 2). A visita possibilitou experiências de troca de saberes-fazeres sobre usos e cultivos das plantas medicinais.



Figura 2: Recepção de agricultores/as na horta Amarbem/Cimmad

Fonte: fotografia dos autores (2022).

- ii) Em março de 2023, recebemos um grupo de estudantes do curso de graduação em Serviço Social da Unioeste. A visita possibilitou espaços de diálogos entre conhecimentos acadêmicos e saberes populares das guardiãs e dos visitantes, sobre o cultivo e uso das plantas medicinais. Alguns registros referentes a este encontro podem ser visto na figura 3.
- iii) Em junho de 2023 o projeto recebeu o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Zelir Vetorello, do Jardim Floresta (Francisco Beltrão). Na primeira parte da visita o grupo conversou com as crianças e, na sequência, realizamos uma visita guiada, pelas guardiãs na horta. Disponibilizamos às crianças: folhas de hortelã, manjeriço, alfavaca e arruda, para sentirem o cheiro e pegá-las nas mãos, numa experiência muito rica. Depois, em pequenos grupos acompanhados pelas professoras regentes, as crianças foram até um dos canteiros, caminharam e perguntaram sobre as hortaliças (alfaces etc.) ali plantadas. Plantaram algumas sementes de hortaliças. E, por fim, o projeto doou várias mudas para serem plantadas na horta que a escola infantil estava construindo em seu próprio espaço.



Figura 3: Recepção de estudantes na horta Amarbem/Cimmad

Fonte: fotografia dos autores (2023).

Nesse contexto, entendemos que a auto-organização envolvendo ações da universidade, juntamente com outros sujeitos, que atuam na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad, produz movimentos que fortalecem formas de resistências cotidianas, que valorizam e estão voltadas para a sustentabilidade da vida. Segundo Svampa (2019, p. 80): “[...] as novas resistências se manifestam por meio do surgimento de espaços comunitários e de formas de sociabilidade”, cujas experiências coletivas de cooperação se voltam ao cuidado do bem comum, contrariando as lógicas de reprodução do capital. A interconexão entre sociedade e natureza, identidade e território, lugar e comunidade reforçam práticas socioambientais localizadas fora da lógica hegemônica do lucro e da competitividade.

Esse movimento envolve, portanto, um “[...] conjunto de afetos, as modalidades do vivido, próprios a cada habitante produzindo uma multiplicidade de sentidos” (Carlos, 1996, p.25). Nesse processo, busca-se valorizar a lógica própria de cada lugar, com suas singularidades, territorialidades, saberes e fazeres plurais (Escobar, 2016; Saquet, 2019).

Na dimensão do lugar podemos “pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno” (Carlos, 1996, p. 26). Assim, estão conectadas diferentes justaposições de espaços sociais, políticos, culturais e econômicos, que se entrelaçam no cotidiano, ora apresentando complementariedades ora conflitos e afastamentos. O lugar, portanto, representa a dimensão vivida, as relações de

produção da existência humana e os desdobramentos dessa dinâmica social (Carlos, 1996; Castro e Sodré, 2022).

A relação universidade-território, a partir dessa compreensão do lugar e do território, vem sendo tecida pelo projeto das Plantas Medicinais na Horta Comunitária Amarbem/Cimmad, tem se construindo com reciprocidade, respeito, compromisso social e solidariedade. Assim, buscamos valorizar os sujeitos, seus modos de vida e saberes-fazeres, sem desprezo aos saberes acadêmicos. Bem como, buscamos construir relações dialógicas e participativas voltadas para as realidades e problemas próprios.

Com essa compreensão, estamos agindo, pesquisando e refletindo na e com a Horta comunitária da Amarbem/Cimmad, trabalhando em favor da segurança alimentar, da manutenção das plantas medicinais e da valorização dos saberes-fazeres das guardiãs e guardiões das plantas medicinais, e em favor de uma educação popular que respeite os saberes plurais, sobre a natureza e sobre a importância das plantas medicinais (resgate, cultivo etc.).

Nesse sentido, buscamos trabalhar na direção de uma abordagem que implique a participação e a transformação social a partir de uma práxis dialógica, numa ação de abertura e construção de outras possibilidades, conforme orienta Fals Borda (2006 [1981]). Outrossim, para Sandoval-Forero (2021), os diferentes sujeitos considerados subalternos (indígenas, camponeses, artesãos, artistas populares, movimentos sociais e outros) contrários à lógica capitalista, contribuem com suas lutas cotidianas e experiências para a sustentabilidade da vida e da natureza. Suas práticas incluem importantes cosmologias, identidades, culturas, compreensões de mundo e de naturezas, que extrapolam a lógica moderna.

Nesse movimento, os saberes e fazeres comunitários, podem contribuir com formas de humanização da vida social e enriquecer práticas e processos educativos ligados ao ensinar-aprender com solidariedade. Bem como, podem produzir dinâmicas voltadas à justiça social e à participação dos sujeitos e coletivos populares, em processos de melhorias das condições de vida, num movimento que se alia a práticas de respeito e zelo com a mãe terra.

Considerações finais

As experiências em torno da horta comunitária Amarbem/Cimmad tem possibilitado espaços de reflexão acerca da relação universidade e território, bem como contribuído para um movimento de ressignificação das formas de produção de conhecimentos, em que há a valorização dos conhecimentos científicos num diálogo com os saberes populares das guardiãs e guardiões das plantas medicinais.

Ao trabalharmos a valorização dos saberes e fazeres comunitários das guardiãs e guardiões, no que tange ao uso e cultivo das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, fomos tecendo, ao longo desses 10 anos de pesquisa-ação, relações de confiança, cooperação, solidariedade e respeito mútuo.

Para além de evidenciarmos a importância das viagens realizadas, eventos, cursos, mutirões, oficinas ofertadas e a participação em feiras e festas das sementes, vale destacar a tessitura de relações horizontais voltadas para a produção de conhecimentos, que objetivam a construção de uma práxis social produzida nas relações entre os sujeitos. Isso amparados num movimento respeitoso de diálogo de saberes-fazeres, em torno das plantas medicinais, buscando fortalecer as relações de confiança e as sensibilidades em relação aos modos de vida.

Por fim, entendemos que a extensão universitária, via projetos de Investigação-ação-participativa, pode contribuir para configurar caminhos de transformação social e em prol da sustentabilidade da vida. Pode ajudar a edificar outras compreensões/ações numa relação universidade-território-sociedade-natureza-lugar-comunidade, enquanto formas de resistência cotidianas que respeitem as territorialidades e modos de vida das populações, de lugares vulneráveis economicamente, tais como o bairro Padre Ulrico, em Francisco Beltrão.

Diferentemente das práticas hegemônicas que valorizam a reprodução e o acúmulo de capital pelas grandes corporações (via negócios da saúde, de alimentos), as universidades podem contribuir para que as comunidades organizem lutas contra a fome e em favor da saúde coletiva, pautadas em ações solidárias. Assim, acreditamos que trabalhando de forma dialógica, com os sujeitos/comunidades/entidades, as universidades podem potencializar e promover processos de resistência ao modelo capitalista. Um caminho, são os

projetos de extensão universitária, voltados para o ensino e a pesquisa-ação, com compromisso social e político, orientados em contribuir efetivamente para criar ações de melhoria nas condições de vida das/nas comunidades, em que atuam.

Referências bibliográficas

BOHM, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005 [1996].

CARLOS, Ana Fani A. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo, HUCITEC, 1996.

CASTRO, Claudio E., SODRÉ, Ronaldo B. Do território múltiplo ao lugar comunitário. In: CASTRO, C. et.al (org). *Geografias fora do eixo: por outras Geografias feitas com práxis territoriais*. Londrina: Editora Liberdade/EDUEMA, 2022, p. 51-76.

CASTRO-GOMES, Santiago. Descolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: PALERMO, Zulma et al (comp). *Des/decolonizar la universidad*. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015, p. 69- 84.

CICHOSKI, Pamela. *A interdisciplinaridade na pesquisa e na ação participativa: contribuições de Orlando Fals Borda*. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

CICHOSKI, Pamela; RUBIM-OLIVEIRA, Marlize. Investigación-Acción-Participativa y Cooperacion entre Sujetos Territoriales. *Posición*, n. 6, p. s/n, 2021.

CICHOSKI, Pamela.; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. Universidade, território e participação social. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 17, n. 45, p. 24-53, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/66003>. Acesso em: 5 abr. 2024.

ESCOBAR, Arturo. Ecología Política de la globalidade y la diferencia. In: ALIMONDA, H. (org). *La Naturaleza colonizada*. Ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2011, p. 61-92.

ESCOBAR, Arturo. *Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur*. *Revista de Antropología Iberoamericana*, V 11, N 1, 2016, p. 11 – 32.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos R. (org). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 8ª ed, 2006 [1981], p. 42- 62.

FALS BORDA, Orlando. El conflicto, la violencia y la estructura social colombiana. In: MONCAYO, V. M. *Orlando Fals Borda: una Sociología Sentipensante para América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, ed. Século XXI, 2015 [1962]. p. 137-164.

FAUNDEZ, Antonio. *O poder da participação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FLÁVIO, L. C. (coord.) et al. *Resgatando saberes: cultivo e uso de plantas medicinais (uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR)*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2016.

FLÁVIO, Luiz Carlos, SANTOS, Roselí Alves dos (Orgs). *Plantas medicinais: o resgate de um patrimônio cultural*. Francisco Beltrão: Grafisul, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do compromisso*. América Latina e educação popular. In: FREIRE, Ana Maria Araujo (org). 1 edição. Paz & Terra, RJ/SP, (2018 [1968]).

GADOTTI, Moacir. *Extensão Universitária: Para quê?* Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf . Acesso em: 15.05.2022.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. *Revista Olhar de Professor*, v. 12, n. 2, 2011, p. 309-335.

MARTINS, Lígia Márcia. *Ensino-Pesquisa-Extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade*. São Paulo: Unesp, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Miriam/Downloads/Martins_-_Ensino_-_Pesquisa_-_Extensa771o%20(1).pdf>Acesso em: 10.07.2023.

MORA-OSEJO, Luis E. e FALS BORDA, Orlando. A superação do eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre o nosso contexto tropical. In: SOUSA SANTOS, Boaventura (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*, São Paulo: Cortez, 2006, p. 711- 720.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

RUBIN-OLIVEIRA, M.; DAL PAI FRANCO, M. E. Produção de conhecimento interdisciplinar: contextos e pretextos em programas de Pós-Graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 12, n. 27, 21 out. 2015.

SANDOVAL-FORERO, Eduardo A. *Sentipensar intercultural y metodologías para la sustentabilidad de desarrollos otros*. Ediciones de la Universidad Autonoma Indigena de México. 2021.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2009.

SAQUET, Marcos, MEIRA, Raquel. Territorialidades agroecológicas em comunidades rurais do Sudoeste do Paraná. In: *Geographia Opportuno Tempore*, vol. 5, n. 1, 2019, p. 27-51.

SILVA, Miriam Ferreira da. MENDOZA, Cynthia Carolina González. A importância do ensino, pesquisa e extensão na formação do aluno do Ensino Superior. In: *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 119-133, junho de 2020.

SOARES, Bruna. *UFPR Litoral: Programa Napi Alimento e Território*. 14.03.2024. Disponível em: [https://ufpr.br/ufpr-litoral-programa-napi-alimento-e-territorio/#:~:text=O%20programa%20de%20pesquisa%2Da%C3%A7%C3%A3o,Pesquisa%20e%20Inova%C3%A7%C3%A3o%20\(NAPI\)](https://ufpr.br/ufpr-litoral-programa-napi-alimento-e-territorio/#:~:text=O%20programa%20de%20pesquisa%2Da%C3%A7%C3%A3o,Pesquisa%20e%20Inova%C3%A7%C3%A3o%20(NAPI).). Acesso em: 05.04.2024.

SVAMPA Maristella. *Las fronteras del neoextractivismo en América Latina: conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias*. Universidade de Guadalajara. São Paulo: Elefante, 2019.

Agradecimentos: Este trabalho contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E, em tempos diversos, o projeto de extensão recebeu o auxílio de bolsas para acadêmicos/as da Unioeste via: Pibex, Fundação Araucária, Universidade Sem Fronteiras, Proext, Mec-Sesu.

Luiz Carlos Flávio

Pós-doutorado (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (linha de pesquisa Educação e desenvolvimento) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Professor Associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Pesquisa os seguintes temas geográficos: território, lugar, memória, história, patrimônio e cultura; espaço, território e relações/metamorfoses cidade/campo: produção do território e participação popular; Geografia cultural. Ensino de Geografia com canção e poesia. Coordenou o Projeto de Extensão: "Resgatando saberes: cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Pe Ulrico, Francisco Beltrão-PR (2014 - SETI/USF/PR) e o projeto "Resgate de um patrimônio cultural: os saberes referentes ao cultivo e uso das plantas medicinais no bairro Padre Ulrico", (2015/, Programa de Extensão Universitária - Proext - MEC). Integrante do Grupo de Estudos Territoriais (Geterr). E-mail: lucaflavio@gmail.com

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/9923654061410923>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6287-1002>

Pamela Cichoski

Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2012) e mestrado em Extensão Inovadora e Desenvolvimento Rural Sustentável pela mesma instituição (2020), cursando o doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, bolsista CAPES. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia, espaço geográfico, território, questões socioambientais e metodologia de Pesquisa-Ação-Participativa

E-mail: pamelacichoski@hotmail.com

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/9923654061410923>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5890-4518>

Recebido para publicação em maio de 2024.

Aprovado para publicação em junho de 2024.